

# Ella, John, Jeanne e Albert

## Amor, envelhecimento, finitude, desvelo e (des)razão

**GISELA GRANGEIRO DA SILVA CASTRO**

*Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo,  
São Paulo, Brasil*

**RICARDO ZAGALLO CAMARGO**

*Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo,  
São Paulo, Brasil*

**KAREEN REGINA TERENCE**

*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra,  
Portugal*

**ID 2404**

Recebido em

**27/01/2021**

Aceito em

**06/08/2021**

Este artigo focaliza a produção social de sentidos para o envelhecimento com base nos modos como o cinema atual apresenta as pessoas mais velhas. Examinando dois filmes de ampla circulação, refletimos sobre preceitos, convenções e pressupostos em relação ao lugar dos idosos na sociedade. Estereótipos derogatórios e preconceitos são reafirmados ou confrontados nessas tramas. Analisar as representações do envelhecimento acionadas pela indústria do entretenimento implica destacar o papel do simbólico na experiência vivida e argumentar pela responsabilidade social da comunicação na promoção de formas mais respeitosas e solidárias de viver e atuar no mundo.

**Palavras-chave:** Cinema. Produção de Significados. Envelhecimento. Velhices.

## **Ella, John, Jeanne y Albert: amor, vejez, finitud, devoción y (des)razón**

Este artículo se centra en la producción social de significados del envejecimiento a partir de las formas en que el cine actual presenta a las personas mayores. Examinando dos películas de amplia circulación en el mercado mundial, reflexionamos sobre preceptos, convenciones y supuestos sobre el lugar de las personas mayores en la sociedad. En estas tramas se reafirman o confrontan estereotipos y prejuicios despectivos. Analizar las representaciones del envejecimiento desencadenadas por la industria del entretenimiento implica resaltar el papel de lo simbólico en la experiencia vivida y defender la responsabilidad social de la comunicación en la promoción de formas de vivir y actuar más respetuosas y solidarias.

**Palabras clave:** Cinema. Producción de significados. Envejecimiento. Vejez.

## **Ella, John, Jeanne and Albert: love, ageing, finitude, devotedness and (un)reason**

This paper focuses on the social production of meanings for aging based on the modes of presentation of older people in today's cinema. We made use of two films with wide circulation to reflect on precepts, conventions, and assumptions regarding the place of older people in society. Derogatory stereotypes and prejudice can be confronted or reaffirmed in the selected plots. As we analyze the social representations of aging triggered by the entertainment industry, we highlight the role of the symbolic in the lived experience in order to argue for the social responsibility of communication in promoting more respectful and supportive ways of living and acting in the world. We demand the constitution of a more nuanced and mindful view of the dignity of later life.

**Keywords:** Cinema. Production of meanings. Ageing. Later life.

## Gisela G. S. **CASTRO**

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutorado em Sociologia no Goldsmiths College, University of London. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo. Coordena o GRUSCCO – Grupo ESPM/CNPq de Pesquisa em Subjetividade, Comunicação e Consumo.

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo/SP, Brasil.

**E-mail:** castro.gisela@gmail.com

### **ORCID**



## Ricardo Zagallo **CAMARGO**

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Comportamento do Consumidor (MPCC) da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), São Paulo. Desde 2019 é Editor-Chefe do International Journal of Business & Marketing, periódico associado ao MPCC-ESPM.

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo/SP, Brasil.

**E-mail:** ricardo.camargo@espm.br

### **ORCID**



## Kareen Regina **TERENZZO**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Feministas da Universidade de Coimbra. Integrante do Grupo ESPM/CNPq de Pesquisa em Subjetividade, Comunicação e Consumo (GRUSCCO).

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

*E-mail:* [erenzzokareen@gmail.com](mailto:erenzzokareen@gmail.com)

### **ORCID**



## Introdução

Dentre as muitas transformações pelas quais estamos passando, a longevidade em larga escala é uma conquista que caracteriza o contemporâneo. Torna-se, portanto, premente avaliarmos as convenções, estereótipos, preceitos e preconceitos em relação ao lugar das pessoas mais velhas na sociedade. Embora atualmente mudanças estejam em curso, constatamos que a velhice ainda se encontra majoritariamente aprisionada em estereótipos negativos arraigados, o que dificulta a produção de outros sentidos mais heterogêneos e positivos para a complexidade da experiência de longevidade.

Por entendermos que um filme funciona como um texto cultural que dialoga com a constituição do espírito do seu tempo e simultaneamente participa da mesma, objetivamos refletir sobre a função social da produção simbólica ao focalizar o modo como o cinema contemporâneo apresenta a questão do envelhecimento humano em seus enredos e narrativas. Assim sendo, é nossa intenção colocar em questão os modos de apresentação dos mais velhos, particularmente as mulheres mais velhas no cinema atual de ampla circulação. Como processo sociocultural, o envelhecimento é atravessado por múltiplos fatores, sendo o gênero um elemento importante na vivência do envelhecer. Na nossa sociedade obcecada pela ideia de juventude como um valor a ser mantido a qualquer custo e exibido em qualquer idade, não é incomum que mulheres maduras experimentem o duplo viés de preconceito na perversa mistura de sexismo e idadeísmo (*ageism*) que as desqualifica e contribui para a sua discriminação social.

Se é inegável que as mulheres têm conquistado importante espaço na vida social se compararmos com a condição feminina em outros tempos, é igualmente impossível negar a prevalência de sérias desigualdades, limitações, preconceitos e outras formas de agressão que contabilizam uma ainda vultosa dívida social para com as mulheres em nossos dias.

Calassanti e Slevin (2006) argumentam que o envelhecimento funciona como forma de opressão nas relações familiares que encorajam e ao mesmo tempo desqualificam o trabalho não remunerado das mulheres mais velhas no cuidado com os familiares enfermos, com os mais jovens e/ou os idosos. Não são raras hoje em dia as idosas que se responsabilizam simultaneamente pelos cuidados de seus pais ou maridos fragilizados e/ou de seus netos. Infelizmente também são frequentes as situações em que não apenas se exige que as mulheres se ocupem das funções do cuidado como também se considere tal labor árduo como natural demonstração de amor e devoção à família, desqualificando-o como um trabalho. Lamentavelmente, ainda, muitas narrativas – ficcionais ou não – estigmatizam a dependência dos mais velhos que se encontram fragilizados.

Neste breve artigo, tomamos como objetos empíricos os filmes *Ella e John* (*The leisure seeker*, Paolo Virzi, Itália/EUA, 2017) e *E se vivêssemos todos juntos?* (*Et Si on Vivait Tous Ensemble?*, Stéphane Robelin, Alemanha/França, 2011) para discutir sobre o papel do cinema ao narrar a experiência vivida por casais idosos em um momento particularmente semelhante e difícil de suas vidas. Esperamos, desse modo, contribuir para a reflexão acerca da responsabilidade social da comunicação ao tratar das alegrias e adversidades da vida na maturidade, a vulnerabilidade quando a saúde falta e a sempre inquietante questão da finitude.

Para tratar das narrativas pelas lentes da (des)razão anunciadas no título do artigo, recorreremos ao princípio dialógico proposto por Morin (2008) para trabalhar com conceitos que se excluem mutuamente numa lógica cartesiana, mas são indissociáveis numa mesma realidade. Aqui, a realidade de dois casais que, ao enfrentarem situações semelhantes envolvendo adoecimento e morte, recorrem a comportamentos em que se misturam razão e desrazão. Ou ainda, com a noção de um *homo sapiens demens*, também proposta por Morin (2012) para nomear um cérebro humano que trabalha a favor e contra a desordem, acionando confusamente bilhões de neurônios que permitem “prodigiosas chances de descoberta e invenção, mas também riscos enormes de erro, de ilusão e de loucura” (MORIN, 2012, p. 120) e que, no caso dos casais

formados por Ella e John, Jeanne e Albert, os conduzem a destinos simultaneamente idênticos e divergentes, como observaremos a seguir.

O texto é estruturado por temas ou questões abordadas pelos dois filmes, estabelecendo diálogos e comparações, tecendo uma reflexão sobre o envelhecimento e suas narrativas.

## **Sinopses: situando os casais nas narrativas**

*Ella e John* (2017) narra uma espécie de *road movie* protagonizado pelo casal de aposentados septuagenários Ella (Helen Mirren) e John (Donald Sutherland), que partem numa última e arriscada viagem usando o antigo furgão de acampamento da família (o *Leisure Seeker* do título original), para cruzar os Estados Unidos até a Flórida. Essa é uma viagem pensada pela esposa como forma de homenagear o marido, antigo professor de literatura e grande admirador de Ernest Hemingway, cuja residência hoje transformada em centro cultural, sempre sonhou visitar.

O filme surpreende ao focalizar o casal de maneira pouco convencional. A cumplicidade do narrador parece estar com eles, mais exatamente com Ella, que toma todas as decisões. O Alzheimer de John é mostrado de modo indireto e pretensamente cômico. Os filhos do casal são surpreendidos com a inusitada viagem dos pais e respondem de modos diferentes em termos de seus graus de zelo e aflição.

*E se vivêssemos todos juntos?* (2011), por sua vez, gira em torno dos casais septuagenários Annie (Geraldine Chaplin) e Jean (Guy Bedos), Albert (Pierre Richard) e Jeanne (Jane Fonda) e o solteirão e mulherengo Claude (Claude Rich). Amigos de longa data, resolvem passar o resto de seus dias juntos sob um mesmo teto, formando uma trupe que conta ainda com a presença de Dirk (Daniel Bruhl). Este é um jovem universitário estrangeiro inicialmente contratado para levar o cão de Albert para passear, após um tombo que encerra os passeios do idoso com seu *pet*. Doutorando em Antropologia, Dirk é aceito pelo grupo como ajudante e também por ser estudioso da vida de idosos na França atual, investigando suas dores e sabores.

Nossos comentários, no contexto das narrativas cinematográficas, voltam-se para quatro personagens que, nos diferentes filmes, encontram-se em situação muito semelhante: Ella e Jeanne, acometidas por um câncer terminal e decididas a levar o tempo que resta à sua maneira, o que inclui cuidar dos maridos; John e Albert, portadores de Alzheimer, com a oscilação entre lucidez e demência e o progressivo fechamento das janelas da memória que caracteriza esse tipo de acometimento. Tais personagens, como veremos nos temas abordados, apontam para formas diferentes de lidar com o envelhecimento, a doença e a finitude.

## **Elas**

Ella é protagonista incontestante de um filme no qual tudo se passa a partir de sua perspectiva. Podemos dizer que mesmo o diretor do filme parece solidário com sua conduta ao atenuar os perigos da tresloucada aventura nos momentos em que o casal coloca a si mesmo e aos outros em risco. Seja nas manobras desgovernadas na estrada, que não causam acidentes e são “perdoadas” pelo policial rodoviário; seja quando Ella aparece com a espingarda da família para afugentar dois jovens e confusos assaltantes armados com facas e canivetes. Ella toma as rédeas ao planejar o roteiro e a execução da viagem. O destino, a casa de Ernest Hemingway, é uma forma de agradar o marido intelectual, mas esse agrado, assim como toda a atenção e carinho dedicados a John oscilam entre a lucidez e a desrazão; devoção e desvelo misturados com exaustão, irritação, mágoa e rancor. Irritação com os esquecimentos e com as repetições do marido, como quando, de forma infantil, pede por “hambúrguer” a todo momento. No pesado papel de cuidadora, que abraça intensamente, e que somado à doença terminal a leva a se exaurir física e mentalmente, Ella demonstra uma inquietante sensação de onipotência que se revela, sobretudo, na

concepção e desenvolvimento solitário de uma viagem arriscada e não debatida ou ponderada com mais ninguém. Um misto de fadiga, exasperação e raiva que aponta mais profundamente para a sua condição de mulher dedicada e subalterna; o que se traduz na forma ríspida com que se dirige às pessoas em vários momentos do filme (com o marido é sempre contida), rispidez por vezes disfarçada sob a polidez de sorrisos e falas de senso comum, ou em laivos de ironia, como quando afirma que a vida deveria ser toda feita de “rodopios felizes” (nome do sorvete servido em uma lanchonete de estrada). Raiva e mágoa aparecem mais explicitamente quando percebe que o marido permanece sedutor e intelectualmente atraente aos olhos de jovens mulheres com quem eles cruzam ao longo da viagem. Ou ainda quando descobre, por conta da confusão mental de John, o caso que este tivera com a vizinha amiga do casal. Em todas as situações, contudo, sua cumplicidade com o marido fala mais alto e a raiva de Ella é redirecionada às mulheres que, na sua visão, flertavam com o marido charmoso.

Jeanne também é apresentada como protagonista na película franco-alemã. É com a revelação da sua doença terminal e seus exames clínicos jogados no lixo que se inicia a narrativa. Essa é a sua principal semelhança com Ella, a saber: a decisão de enfrentar sozinha a doença e decidir à revelia dos demais como sua vida deve acabar. Outra é seu papel de cuidadora de um marido com Alzheimer. Mas as semelhanças acabam por aí. Agindo num outro sentido, Jeanne não se fecha na relação do casal, nem decide como deve ser o final do marido. Ela decide o próprio fim e prepara seu enterro, com o emblemático caixão cor de rosa, feito sob encomenda para surpreender os participantes de uma cerimônia de despedida, meticulosamente coreografada por ela, e que inclui uma bem-humorada orientação de apoiar sobre o caixão as taças de champanhe usadas para um brinde final em sua homenagem. Para cuidar de Albert, Jeanne busca apoio nos amigos e contrata um ajudante. Decide também exercer abertamente a própria sensualidade ao flertar com Claude, o antigo amante, fazendo poses diante da câmera, enquanto o marido cochila. Busca interlocução intelectual e afetiva junto a Dirk, o jovem etnólogo a quem ela aconselha, habilmente, a redirecionar seu estudo sobre velhos distantes para uma observação participante do grupo de amigos que ela integra e que decidiu coabitar na velhice. Com Dirk, Jeanne também busca acolhimento num abraço ou em conversas francas sobre sexo, incluindo temas íntimos como masturbação e reflexões sobre o relacionamento a dois, tanto o dela, quanto o dele. Ela mantém oculta a doença, mas ao sentir-se solitária, busca aconchego em Dirk. Quanto a Albert, a relação de cuidado não o sufoca e é sempre aberta, incluindo tanto o jovem que se torna um pesquisador-cuidador quanto, e sobretudo, o grupo de amigos com os quais Jeanne compartilha os bons e os maus momentos com o marido. Aqui, a nosso ver, não se configura a onipotência desvairada de Ella como cuidadora e dona do destino do marido, o que aponta para um outro jeito de se relacionar com o companheiro e consigo mesma.

Destacamos, contudo, que, com essa comparação, não queremos condenar a conduta de uma, nem propor como modelo a conduta da outra protagonista. Devemos considerar que, de certo modo, as duas mulheres atuam dentro das convenções e (de)limitações impostas para senhoras de seu grupo social e classe socioeconômica. Como afirma Debert (1994), o gênero é sempre relacional e performático, assim como gênero e idade são cruciais para entender a velhice. A esse respeito, tanto Ella quanto Jeanne estão expostas à dupla vulnerabilidade feminina como mulheres e como idosas. Mas conforme também observa Debert (1994), para as mulheres, o envelhecimento tende a significar uma passagem de um mundo totalmente regrado (e, em geral, sob o comando dos homens) para outro em que se sentem impelidas a criar as próprias regras. O que difere nossa dupla de protagonistas são, portanto, as regras do jogo, com mais ou menos participantes, que construíram para terminar a vida.

## Eles

Ainda com Debert (1994), não se trata dizer que os homens ou as mulheres se adaptariam melhor à velhice. Existem formas diferentes de luta contra os preconceitos e os estereótipos associados ao envelhecer e, como observamos nos filmes em tela, diferentes tentativas de criação de espaços mais ou menos coletivos para vivenciar o processo de envelhecimento. Passemos, então, aos personagens masculinos que coprotagonizam as narrativas selecionadas.

John é um professor de literatura que, acometido pelo Alzheimer, avança no sentido da dependência num relacionamento sempre desequilibrado, como já observamos, mas com um intenso vínculo afetivo que nos parece movido por um misto de amor e culpa. Não é possível para ele imaginar uma vida fora do casamento. Nesse sentido, dá instruções de como a esposa deveria posicionar a espingarda e dirigir seus movimentos para que ele pudesse acabar com a própria vida antes dela. A dependência se acentua nos momentos em que a demência entra em cena, com ele pedindo hambúrgueres incessantemente a qualquer hora do dia ou perdendo o controle e molhando as calças, incontinente. Mas John também surge como um homem encantador e afável a todo momento. Mostra-se carinhoso e gentil com a esposa e mostra seu brilho intelectual quando reestabelece o vínculo com o passado acadêmico, quase sempre por meio de um gatilho feminino, como ao encontrar uma ex-aluna sua e depois outra moça com tese premiada, mas que, no momento, trabalha como garçoneiro.

Albert, por sua vez, é retratado como um irreverente *bon vivant* que compra flores para a esposa, se distrai observando da janela as crianças brincando numa escola vizinha, e tem no cão um grande companheiro com quem gosta de passear. Com uma explícita faceta *gourmet*, aprecia os prazeres da mesa, colando no caderno de notas moleskine, que lhe serve de prótese de memória, os rótulos e os detalhes de vinhos saboreados com os amigos, deliciando-se com uma refinada *éclair* de chocolate ou, ainda, num momento de desvario, comprando uma enorme peça de carne bovina pela internet. Suas oscilações de memória parecem, contudo, ser tratadas menos com irritação e mais com compaixão e acolhimento pela esposa e pelos amigos.

## Os casais

Ella e John formam um casal típico de sua época e lugar de pertencimento. Logo no início do filme, com os dois viajando em uma movimentada autoestrada, surge o comentário de que a “mulher é quem manda”, mas excetuando-se o período marcado pela demência de John, tal comando parece ter sempre sido masculino. Ele, um homem cujos principais interesses estão situados fora de casa, em especial no ambiente acadêmico onde passou boa parte da sua vida. Dedicada ao marido e aos afazeres domésticos, Ella procura cuidar de tudo e manter-se digna e atraente, não disfarçando seu incômodo, tanto com o que percebe como pedantismo intelectual em John, quanto com sua forma contumaz de exibir seu charme diante de outras mulheres. Nesse contexto de estreita cumplicidade que estabelece com o marido, a traição do passado, revelada involuntariamente por John, é assimilada por Ella como tendo sido mais provocada pela vizinha do que desejada por ele. Segundo o relato dos filhos adultos, o casal é mais voltado para si do que para a família como um todo. Um casal ensimesmado, pouco aberto ao convívio social ou familiar, bem diferentes de Jeanne e Albert, sobre os quais trataremos a seguir.

Jeanne e Albert formam um casal progressista que guarda semelhanças com o perfil dos amigos com os quais mantêm longa e estreita convivência. O relacionamento da dupla parece marcado mais pelo companheirismo do que pela sensualidade, mas a impressão é de que se trata de um acordo relacional interessante para ambas as partes. Um acordo que prefere relevar e esquecer, quando necessário, problemas



e mágoas do passado em prol de um presente mais harmonioso. É marcante, nesse sentido, como Albert resolve arrancar do caderno de notas as páginas com registros desagradáveis, em especial a doença da mulher, que ele descobre ao receber uma visita do médico que a atende, e a traição de Jeanne, cujo caso com Claude foi revelado numa carta furtada por Albert do baú de reminiscências do amigo. A percepção de um relacionamento cordial e equilibrado, com respeito pela liberdade do outro, aparece ainda quando ao descobrir que Jeanne escondia seu estado real de saúde, Albert anota em seu caderninho que era direito da esposa escolher o próprio modo de lidar com a doença.

## O individual e o coletivo

Conforme argumentam Debert (2018), Freixas, Luque e Reina (2012), fatores políticos e socioeconômicos interagem, participam e em grande parte configuram o curso da vida dos indivíduos. Diante da (ainda) limitada oferta na grande indústria internacional de filmes que tematizam o envelhecimento ou roteiros que apresentem personagens mais velhas como protagonistas, a importância das obras aqui analisadas é digna de nota. Ambas nos permitem recortar aspectos interessantes para discutir o tema no seu nível mais estrutural a partir do contexto cultural e das trajetórias de vida.

Um primeiro aspecto a ser evidenciado é o recorte de classe social. Compreende-se o envelhecimento como uma das dimensões das desigualdades sociais e, portanto, uma questão social e cultural (CALASANTI; SLEVIN, 2006; CASTRO, 2018, 2017, 2016) que pode excluir ou promover a segregação das pessoas mais velhas das relações sociais e econômicas, notadamente no caso das mulheres que, no Brasil, são em grande parte as únicas ou as principais responsáveis pelo provento de suas famílias.

Os casais apresentados nos dois filmes são brancos, heterossexuais, com sofisticado nível intelectual e parecem desfrutar de uma vida financeira, se não abastada, ao menos confortável e segura. Não são postos em discussão os recursos materiais para sobrevivência dos personagens em nenhum dos filmes que têm como argumento principal os modos como os casais conduzem os dilemas de suas respectivas velhices. Enquanto Ella e John se aventuram pelos Estados Unidos na busca de também reviver os tempos de quando eram mais jovens, Jeanne e Albert buscam refúgio na convivência junto aos amigos, em um lugar tranquilo e que já lhes é familiar, na França.

Entretanto, a personagem Ella nos dá pistas que sua trajetória de vida foi dedicada exclusivamente ao casamento - aos afazeres domésticos, à criação dos filhos e, sobretudo, ao apoio em tempo integral ao marido. Ainda que suas atitudes aparentem uma condição dominante em relação ao casal, esta é uma situação circunstancial pois a personagem está também imbuída da função de cuidadora do marido doente. Podemos observar uma dupla segregação - de gênero e idade - e a opressão do envelhecimento vividas pela personagem por parte dela mesma, de sua filha e seu filho. Nos papéis de mulher, mãe, esposa e cuidadora, a personagem arca de modo solitário com muitas responsabilidades, além de carregar também sozinha, ao que parece, o fardo de sua doença terminal. Jeanne, por seu turno, apesar de ter encerrado sua vida profissional, demonstra manter sua vida intelectual ativa, reserva tempo para cuidar de si mesma e para socializar com os amigos. A relação com Albert assegura certa independência e autonomia para cada um.

No que diz respeito às trajetórias de vida das pessoas idosas, estas costumam ser mostradas de modo linear e estereotipado, com poucas referências ao percurso de uma vida singular. Muitas vezes tais representações não têm integrada a dimensão de gênero (CASACA; BOULD, 2012). Dito de outro modo, pessoas idosas costumam ser consideradas apenas como idosas, como se, nesse caso, o gênero fosse de menor importância. De um lado, as representações costumam estar associadas a um envelhecimento limitante e melancólico, marcado por sinais de declínio físico, mental e social. De outro lado, temos representações dessa fase da vida como uma etapa positiva pós-aposentadoria: o prolongamento da chamada "vida ativa" relacionada a uma nova rotina sem obrigações familiares ou de trabalho, com tempo livre de prazer, lazer e autoconhecimento (TWIGG; MAJIMA, 2014; CASTRO, 2018).

Compreendendo o corpo como um marcador social, voltamo-nos para as narrativas que nos permitem observar um segundo aspecto: o percurso de vida das personagens como sujeitos “genderificados”, ou seja, considerados a partir de sua performance de gênero. Ella é categorizada como típica boa-esposa estadunidense; vive para o casamento, se mantém resiliente e firme frente às adversidades, empreende a viagem com John de maneira jovial e entusiasmada. Jeanne encarna uma mulher intelectualizada, independente e urbana, que não se ausentou do viver e mostra estar à vontade, ativa e sensual mesmo estando muito doente. Jeanne se relaciona com Albert, com o grupo de amigos e ainda inclui um terceiro elemento, Dirk, nessa convivência de maturidade.

Ella e Jeanne não compartilham as aflições e dificuldades da doença terminal com seus parceiros ou familiares. A trama segue através das trajetórias masculinas e, de modo sutil, vai introduzindo pistas sobre como cada uma lida com sua própria doença, como conduz e suporta as responsabilidades familiares e toma decisões acerca de vida e morte. Duas mulheres com trajetórias distintas, vivendo em sociedades diferentes, porém, com algo comum a muitas mulheres: serem vistas como eternas cuidadoras. Além de terem que lidar com suas próprias agruras, devem estar prontas para assumir o fardo de zelar pela saúde e bem-estar de outras pessoas de seu círculo familiar (FREIXAS; LUQUE; REINA, 2012) – no caso, seus maridos. Vivendo em diferentes contextos socioculturais – estadunidense e francês – as duas mulheres experienciam a seu modo o processo de envelhecimento e a fatídica proximidade com a própria finitude. Ella se recolhe, embarca com John em uma jornada solitária da qual não irão voltar. Jeanne escolhe estar com os amigos. A doença de John e Albert os mantêm ausentes da realidade boa parte do tempo, cabendo às esposas as principais decisões e providências do dia a dia – o que talvez nos permita uma leitura simbólica acerca do alheamento masculino diante do papel social comumente conferido às mulheres como cuidadoras.

Contrariamente às possíveis escolhas regulamentares oferecidas nas sociedades em que vivem – reiniciar o tratamento de saúde, internar seus respectivos companheiros em uma clínica, buscar ajuda dos filhos/filhas, ou de terceiros – Ella e Jeanne não recorrem às instâncias e instituições formais – nem do governo, nem da medicina, nem da família. Optam por tomar suas próprias medidas sobre como irão vivenciar os dias que lhes restam frente às adversidades em que se encontram. Dois modos particulares de lidar com a finitude sem recorrer às instituições privadas ou públicas e que, nos dois casos, optam pela autogestão do indivíduo.

Ainda que a decisão de cada uma delas possa nos causar estranhamento – a morte é um dos principais tabus e um dos motivos pelos quais se evita enfrentar a velhice –, essas narrativas nos dão a oportunidade de refletir com Marc Augé (2016) sobre como o prolongamento da expectativa de vida traz também a angústia e a temeridade da dependência e da doença, e sobre como as sociedades ainda não estão preparadas para lidar com o envelhecimento de suas populações, nem aptas para proporcionar às pessoas mais velhas as condições que lhes permitam viver com dignidade até o fim de seus dias.

## Os outros

Os dois casais têm relação distante com os filhos, que aparecem pouco e sempre trazem à tona as elusivas delimitações entre zelo, cuidado e controle dos mais velhos. Tal discussão costuma ser demarcada por critérios idadistas, ou etaristas, marcados pelo preconceito e discriminação em função da idade.

Há, contudo, um conjunto ampliado de outros no caso de Jeanne e Albert. Formado, sobretudo, pelo grupo de velhos amigos composto pelo casal Jean e Annie, que residem na grande casa onde todos vão morar, e por Claude, solteirão convicto que manteve em segredo casos simultâneos com as duas amigas, Annie e Jeanne. O que chama a atenção nesse grupo é que, à sua maneira, cada um consegue encontrar formas de manter uma narrativa coerente para sua própria vida.

Os amigos homens de *E se vivêssemos...* (2011) também parecem oferecer uma alternativa para o envelhecer narrado apenas como perda de potência. Claude mantém seu vínculo com a fotografia e uma vida sexualmente ativa, pagando para se relacionar com mulheres mais jovens e para fotografar os corpos nus que tanto admira – em especial, os seios que, segundo entende, teriam nas mulheres finalidade muito mais estética do que propriamente funcional.

Jean, militante de esquerda casado com Annie, mulher rica, canaliza a sua rebeldia política para uma espécie de pequeno ativismo cotidiano, com arroubos de protestos. Ele troca a participação em grandes manifestações públicas, que deixa de frequentar porque o seguro não cobre, por manifestações que cabem no seu dia a dia e que não oferecem maiores riscos – seja nos infrutíferos rompantes que dispara entre amigos ou com a esposa, seja em ações efetivas, como a proposta coletivista de morarem juntos, ou a liderança no resgate de Claude do asilo onde havia sido depositado pelo filho único.

Annie, por sua vez, cuida do corpo e da casa. Ao ressentir-se do ninho vazio, reage construindo, contra a vontade do marido, uma piscina para atrair netas e netos. Interessante notar que a avó parece, logo em seguida, se cansar da presença das crianças que brincam alegremente na nova piscina. Mantém uma relação conflituosa com Jean, que ameaça sair de casa, mas permanece após Anne usar o sexo para acalmá-lo, em uma sequência que insinua ser esta uma prática costumeira do casal.

Além da trupe idosa, os outros na trama francesa incluem o relacionamento intergeracional com Dirk, cujo papel transita de simples prestação de serviço até a cumplicidade total com o grupo, rompendo talvez os limites do bom senso. É interessante observar a relação que Jeanne estabelece com Dirk, legando ao rapaz um surpreendente presente final ao propiciar para ele a possibilidade de um novo relacionamento.

## Velhices, idadismo e finitude

O preconceito contra os mais velhos permeia as duas narrativas e se revela, sobretudo, na percepção restrita que os filhos e filhas têm da vida dos pais, como quando, por exemplo, o filho de Ella e John acha repugnante uma cena de sexo entre os pais. Os preconceitos étnicos e raciais são mostrados nos dois filmes quando, a despeito da suposta maturidade da velhice, os idosos amigos franceses discriminam os árabes, e quando John se mostra surpreso ao descobrir que o ex-namorado de Ella, responsável por suas crises de ciúme retroativo, era um homem preto.

No geral, prevalece uma visão da velhice como problema e como algo ser contornado ou evitado. Tal visão aparece na forma como os asilos e outros idosos são apresentados no filme franco-alemão. Fica evidente também em momentos de preconceito autodirigido, quando no filme ítalo-americano John reclama da juventude perdida, dizendo que as doenças teriam roubado “aquela mulher linda e loira de mim”, fazendo com que ele tenha que se relacionar com uma velha, assim como roubou o que “ele era” dele mesmo, ressoando o comentário de Featherstone (1998) sobre a imagem dos velhos não ser considerada de “bom gosto”, especialmente nas sociedades ocidentais em que predomina o ideário anti-idade.

O realismo das idas e vindas do Alzheimer deles, assim como do avanço do câncer terminal delas, são tratados de formas diferentes nos dois filmes. Um relato mais amargo parece caracterizar o relacionamento romântico-dependente do casal formado por Ella e John. Há espaço, contudo, para poesia e bem-estar, como quando contemplam o mar com os pés na areia, dizendo que pareciam estar no céu, observação complementada por um bem-humorado “Tem hambúrguer aqui?” por parte de John. Bom-humor que também aparece em cenas onde os esquecimentos dele levam a situações cômicas, como, por exemplo, quando os dois tropeçam e caem e ele começa a dormir no chão. Bom-humor e leveza enfrentando praticamente os mesmos males aparecem na narrativa de Jeanne e Albert, onde prevalecem soluções coletivas para os esquecimentos dele, assim como para as dores terminais dela.

## Considerações finais

Ella e John permanecem fechados em seu relacionamento. Há carinho, amor, desvelo, mas sem articulação com o entorno que inclui filhos e demais pessoas que o casal encontra, que apenas servem de pano de fundo para a narrativa protagonizada pelo casal. O final do filme nos causa grande desconforto ao flertar com a ideia de que “não havia mais jeito”, que é proposta como natural na narrativa de Ella em torno da qual, como dissemos acima, a trama se desenrola. Esse desconforto é ampliado pelo questionamento perturbador sobre que tipo de mensagem o filme estaria afinal enviando aos velhos e velhas doentes em nossas sociedades desiguais e eivadas pelo preconceito do idadismo – a ideia infame de que suas vidas teriam menor valor.

Felizmente, o outro casal parece contar algo diferente, permitindo-nos vislumbrar alternativas possíveis para a dignidade na velhice.

Jeanne e Albert constroem, de alguma forma, um final mais aberto. Uma abertura sustentada pelo nós, pronome que Sennett (2007) chama de “perigoso”, capaz de bagunçar as retóricas dos sempre renovados capitalismo. Um nós comunal que implica uma visão positiva dos próprios limites, assim como de assumir dependências e conflitos, os quais são capazes de nos aproximar. São componentes que parecem sustentar a rede, ou teia, de posicionamentos e ajudas mútuas na opção de viverem juntos num arranjo, ou *ensemble*, como no título original. Tal arranjo permite um final poético com o grupo tecendo um fio amoroso, acolhendo e demonstrando compaixão pela dor de Albert que, a seu modo, os demais compartilham.

A nosso ver, esse é um final que melhor se coaduna com o que propõe Ligia Py (2018, 2017) ao se posicionar em favor da perspectiva de viver um tempo comum e de se ‘co-mover’. Tempo finito, mas que se pode eternizar quando damos as mãos para nos ajudarmos a pensar na beleza e na impermanência da vida.

Neste breve artigo, refletimos sobre algumas representações do envelhecimento acionadas pela indústria do entretenimento. Servimo-nos de dois filmes de ampla circulação no mercado mundial para refletir sobre preceitos, convenções e pressupostos em relação ao lugar das pessoas mais velhas na sociedade. Como vimos, estereótipos derogatórios e preconceitos ora são reafirmados, ora são confrontados nas tramas selecionadas. É importante destacar o papel do simbólico na experiência vivida e argumentar pela responsabilidade social da comunicação na promoção de formas mais respeitadas e solidárias de viver e atuar no mundo. Para finalizar, reivindicamos a constituição de um olhar mais nuançado e atento para a pluralidade e a dignidade das velhices.

## Referências

- AUGÉ, M. **El tiempo sin edad**: etnología de sí mismo. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2016.
- CALASSANTI, T. SLEVIN, K. F. (Eds.) **Age matters**: realigning feminist thinking. N. York: Routledge, 2006.
- CASACA, S.; BOULDPY, S. Género, idade e mercado de trabalho. In: CASACA, S. F. (Coord.) **Mudanças laborais e relações de gênero**: novos vetores de desigualdade. Lisboa: Fundação Económicas/Almedina, 2012, p. 87-132.
- CASTRO, G. G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galáxia**, São Paulo, n. 31, p. 79-91, 2016.
- \_\_\_\_\_. Precisamos discutir sobre o idadismo. **Revista Mais 60**: estudos sobre envelhecimento, São Paulo, v. 28, n. 67, p. 38-55, 2017.
- \_\_\_\_\_. Velho é o seu preconceito: comunicação e consumo em tempos de longevidade. **Revista da ESPM**, São Paulo, v. 4, p. 56-80, 2018.
- DEBERT, G. G. A reprivatização do envelhecimento nas imagens da mídia. In: CASTRO, G. G. S.; HOFF, T. (Orgs.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo**: perspectivas multidisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 75-93.
- \_\_\_\_\_. Gênero e envelhecimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994.
- ELLA & John. Direção: Paolo Virzi. Distribuição: Sony Pictures. Itália/EUA, 2017. Filme longa metragem (1h53min). Título original: The Leisure Seeker. Legenda.
- E SE vivêssemos todos juntos? Direção: Stéphane Robelin. Distribuição: Imovision. França/Alemanha, 2010. Filme longa metragem (1h36min). Título original: Et si on vivait tous ensemble? Legenda.
- FEATHERSTONE, M. A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 10, n. 14, set. 1998.
- FREIXAS, A.; LUQUE, B.; REINA, A. Critical feminist gerontology in the back room of research. **Journal of Women & Aging**, n. 24, p. 44-58, 2012.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O Método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PY, L. **Finitude e o sentido da vida**. 16 jul. 2017. Vimeo: Instituto CPFL - Café Filosófico. Disponível em: <<https://institutocpfl.org.br/finitude-e-infinitude-com-ligia-py-versao-completa/>>. Acesso em: 14 out. 2021.

\_\_\_\_\_. Significados da velhice e a busca de sentido para a finitude. In: CASTRO, G. G. S.; HOFF, T. (Orgs.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 131-138.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

TWIGG, J.; MAJIMA, S. Consumption and the constitution of age: expenditure patterns on clothing, hair and cosmetics among post-war 'baby boomers'. **Journal of Aging Studies**, n. 30, p. 23-32, 2014.

## **Informações para textos em coautoria**

### **Concepção e desenho do estudo**

Gisela G. S. Castro

### **Aquisição, análise ou interpretação dos dados**

Gisela G. S. Castro, Ricardo Zagallo Camargo e Kareen Terenzo

### **Redação do manuscrito**

Gisela G. S. Castro, Ricardo Zagallo Camargo e Kareen Terenzo

### **Revisão crítica do conteúdo intelectual**

Gisela G. S. Castro

## **Informações sobre o artigo**

### **Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese**

O artigo é resultado da pesquisa docente “Comunicação, Consumo e Longevidade: as velhices na mídia e a modulação dos significados do longeviver nas lógicas de consumo”, coordenada por Gisela G. S. Castro.

### **Fontes de financiamento**

Não se aplica.

### **Considerações éticas**

Não se aplica.

### **Declaração de conflito de interesses**

Não se aplica.

### **Apresentação anterior**

Não se aplica.

### **Agradecimentos/Contribuições adicionais**

Não se aplica.